

De Volta ao Futuro

DO BRASIL

Se os empresários quiserem assumir os riscos do mercado e da internacionalização da economia brasileira, é bom que leiam e meditem sobre o artigo da revista inglesa *The Economist*, do dia 3 último sobre os dilemas da economia mundial e publicado na *Gazeta Mercantil*.

O artigo menciona que a crise começa “a doer”, “em empresa após empresa, as encomendas emagrecem, os planos de investimento vão para a gaveta” e os executivos não encontram nos banqueiros acolhida para superar os tempos difíceis. Mas não trata do Brasil, e sim do terremoto nas economias do Primeiro Mundo, após uma década de prosperidade.

A prosperidade dos anos 80 para *The Economist* foi fruto da abundância de crédito, em parte devido à desregulamentação da indústria financeira nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Japão. As facilidades financeiras não ampliaram os investimentos e a produção, nem a pressão de demanda sobre os bens e serviços que afetam os índices de preços ao consumidor. Em boa parte, o excesso monetário foi aplicado em ações de empresas (até de saúde financeira duvidosa) e imóveis. Os bancos centrais iniciaram o rigor monetário em fins de 1988, para evitar o repique inflacionário. Com os juros em alta, a especulação com empresas e imóveis ruiu como castelo de cartas.

A crise do petróleo deflagrada pelo Iraque terminou por deixar definitivamente em xeque o que estava já estava vulnerável. Não há portanto como fugir ao rigor monetário e aos riscos de uma pequena recessão em 1991 no Primeiro Mundo para evitar problemas mais sérios, como a forte recessão de 1980-1982, que

derrubou a inflação alimentada pelo segundo choque do petróleo de dezembro de 1979.

Os empresários devem ter na memória as consequências do aperto monetário do início dos anos 80. Além da recessão que Primeiro Mundo só superou em 1985, o principal efeito foi a crise da dívida dos países em desenvolvimento, da qual o Brasil ainda não desvencilhou.

O título do artigo — “Um pouco de sofrimento agora ou muito mais no futuro?” — deve servir de roteiro à *mea-culpa* das lideranças empresariais que resistem ao saneamento das finanças públicas e à derrubada dos cartórios e privilégios que tanto afetam as suas atividades.

Nunca é demais lembrar que, em 1979, os empresários nacionais, liderados pela Fiesp, também resistiram à política de “desaquecimento econômico” proposta pelo ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, para sanear as finanças públicas e enfrentar a crise no balanço de pagamentos gerado pela alta dos juros externos e do petróleo.

Os empresários achavam sinônimo de recessão crescer um ou dois anos entre 3% e 5% ao ano. Entre 1989 e 1989, por evitar o ajustamento, o PIB brasileiro acabou crescendo 2,2% ao ano, em média, enquanto o PIB *per capita* avançou apenas 0,4% e o mundo prosperava.

O Brasil vai continuar na contramão da economia mundial? Já não bastam a “ilha de prosperidade num mundo em recessão” da primeira crise do petróleo e a fuga ao ajustamento em 1979? É preciso enfrentar a dura realidade para evitar o pior, que o passado já ensinou.

12 NOV 1990